



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA: REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO

Suelídia Maria Calaça

Taiane de Sousa Santos

Tays de Sousa Santos

Universidade Federal da Paraíba

sueluc88@hotmail.com

Taiane.letras@gmail.com

Tayssousa95@gmail.com

INTRODUÇÃO

O âmbito educacional envolve comprometimento social, viabilizando os meios pelos quais os indivíduos poderão criar e recriar conforme a criatividade que possuem. Somos contemplados com inteligências múltiplas e a escola possui o papel de propor atividades que englobem as potencialidades de cada um. Percebemos que há educandos que apresentam mais facilidade em comunicar-se oralmente, outros na escrita e alguns nas artes: teatro, canto, dança e pintura, permitindo ao educador a utilização de metodologias de ensino variadas, buscando envolver todos no processo ensino/aprendizagem. No entanto, o que observamos é que há um predomínio da educação tradicional (presente na maioria das escolas) que valoriza a memorização, a repetição e a disciplina, desassociando as capacidades que os alunos já possuem e que poderiam ser ampliadas no processo de escolarização.

Na escola, essas capacidades devem ser aprimoradas através do incentivo e desenvolvimento de atividades que possibilitem aos educandos conhecer a si próprios. Geralmente, deparamo-nos com o inverso disso. A realidade demonstra uma prática educativa que restringe os educandos a uma educação mecanicista, em que apenas vão à escola para absorver conteúdo, apenas escutam e pouco são induzidos a se posicionarem criticamente diante dos acontecimentos que os cercam.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de *pronúncia* do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam ser mais. (FREIRE, 2014, p. 112)

Em seus dizeres, Paulo Freire deixa explícita a real necessidade da busca pelo diálogo. Em sala de aula muitas vezes o educando se sente reprimido ao tentar expressar aquilo que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pensa a respeito de determinado assunto, sendo que a sua fala poderia contribuir decisivamente para um outro olhar sobre a discussão. É necessário que o professor incentive os educandos a participarem ativamente da aula, mostrando assim a essência do diálogo: não há saber mais ou saber menos, apenas saberes diferentes, em que na condição de diálogo torna-se a contribuição que podemos conceder ao outro.

Os professores são responsáveis parcialmente, pela projeção de caminhos a serem contornados em sala de aula, pois o professor deve pensar nas condições necessárias para alcançar as metas estipuladas. Se faz necessário traçar caminhos para que haja um repensar sobre o trajeto escolhido para conquistarmos o progresso escolar dinâmico, sendo uma construção contínua onde os envolvidos devem se auto avaliar sobre a própria evolução. Por vezes o professor limita-se a seguir o modelo pedagógico que é pré-estabelecido pela escola e dessa forma há o distanciamento da realidade social vivenciada pelos educandos, isso acarreta em uma contradição de interesses que afetam o desenvolvimento cognitivo – social dos educandos. O cotidiano escolar deve proporcionar essa troca de ideias entre todos que estão envolvidos direta ou indiretamente na educação, visando contribuir positivamente na vida dos sujeitos que fazem a sociedade, ou melhor, que são a sociedade.

Pensar em um modelo ideal de aula é um desafio diário para o educador, já que os indivíduos possuem realidades distintas. Por esse motivo é fundamental que a aula seja pensada de acordo com as necessidades de cada educando, se possível adaptar o planejamento às mudanças de percurso que podem ocorrer, pois muitas vezes o que está planejado não acontece, assim o professor deve criar as condições possíveis para que o processo ensino/aprendizagem se desenvolva de forma satisfatória e eficaz para os principais interessados na prática educacional, os educandos.

A educação: interesse de muitos?

Quem melhor do que os próprios educandos para avaliarem a dinâmica presente na sala de aula? Será que o educador tem a preocupação em ouvir os educandos a respeito da sua prática pedagógica? Como a opinião dos educandos pode influenciar para a realização de uma aula mais produtiva tanto para professor quanto para os alunos? Notamos que os alunos se sentem excluídos do próprio processo de escolarização, pois ainda permanece para a maioria o pensamento de que deve ir à escola com um único propósito: os alunos vão para aprender e consequentemente não serem reprovados, e os professores para ensinar e garantir o salário intacto ao fim do mês. Ocorre que ambos aparentam esquecer o que de fato deve prevalecer: a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

troca de informações, de saberes, dos modos como cada indivíduo percebe o mundo à sua volta, para que uns possam aprender com os outros.

A educação proporciona a ampliação dos conhecimentos e consolida a oportunidade de compreendermos ideias que estavam internalizadas, permite demonstrarmos quem somos através das concepções que podem ser aprimoradas no âmbito escolar. De acordo com Oliveira:

[...] o desenvolvimento de práticas sociais mais igualitárias e solidárias no interior da escola é entendido, em si, como um passo para a transformação social, o que implica investimentos na construção de novas relações levando-se em conta necessidades e interesses dos envolvidos no processo, condição para o estabelecimento de novas relações de acordo com os moldes da sociedade que se quer construir. (OLIVEIRA, 2012, p. 142)

De acordo com a autora citada acima, as relações estabelecidas entre os indivíduos que compõem a escola interferem na sociedade que está sendo construída, e fica evidente quem são os principais envolvidos nesse processo, no caso são os educandos e educadores, ambos mantêm uma relação direta na sala de aula. Os sujeitos que fazem a escola são os cidadãos que contribuem para a transformação social que tanto almejamos, já que a educação deve abranger a totalidade dos acontecimentos, ou seja, o conhecimento não pode ser restringindo a faz de conta, no entanto possibilita novas condições de expormos o nosso pensar sobre a realidade a qual fazemos parte. Daí a importância de as relações estabelecidas no âmbito escolar serem igualitárias, não há pirâmide classificatória para decidir a superioridade dos que fazem a escola, no entanto existe um horizonte de idealizações a serem trabalhadas, e esse trabalho ocorre mutuamente, uns contribuindo com os outros.





A realidade educacional brasileira demonstra que ainda há muito a avançar no que diz respeito à educação de qualidade que se pretende construir. Muitas vezes, ao invés de pensarmos em táticas para melhorias na educação, apenas estamos preocupados em apontar os culpados pela situação educacional na qual o país se encontra. Há uma série de fatores que contribuem para a educação de má qualidade que se faz presente na maioria das escolas públicas: a falta de compromisso por parte dos envolvidos no âmbito escolar, o desvio de verbas destinadas à educação e a acomodação diante dos problemas que persistem no cotidiano escolar, estas questões contribuem para que o descaso seja perceptível.

A metodologia aplicada pelo professor vai interferir nas direções que a prática educativa vai desvelar, pois a metodologia será o caminho que o educador irá percorrer para alcançar determinados objetivos. E se por acaso o educador não possuir objetivos que correspondam às expectativas dos educandos? Digamos que na educação há interesses diversos, e nem sempre os professores estão dispostos a contribuir com os sonhos alheios. Devido a falta de tempo, ou até mesmo pela desmotivação salarial, a maioria dos professores não consegue sequer perceber as expectativas dos estudantes em relação ao ensino, o que acarreta para estes últimos prejuízos na aprendizagem. Muitos alunos que estão na escola procuram este estabelecimento com o intuito de obterem um futuro melhor, de ingressarem no ensino superior e alcançarem suas metas de vida. Temos também os professores que alegam não serem merecidamente recompensados e reconhecidos pela função que exercem, este é um argumento que colocado entre os professores interfere na garantia de uma educação que de fato seja significativa para todos. Para Jesus:

Ao pensarmos em uma sala de aula, o objetivo principal é a aprendizagem, e para alcançarmos esse objetivo temos metas: o ponto de partida e o ponto de chegada. O ponto de chegada já focamos: objetivo = a aprendizagem. Fica a critério de cada um, de acordo com os seus sujeitos reais, ou de acordo com o mais real para aquela turma, definir um ponto de partida, e porque não utilizar das experiências para chegar ao aprendizado, já que com alunos concretos, com necessidades reais, o conhecimento teria maior eficácia na vida desse aluno, sabendo que experiência se traduz em aprendizagem. (JESUS, 2015, p. 7-8)

De acordo com esta autora, uma aprendizagem que busque trazer os conhecimentos prévios dos educandos interligando com os saberes adquiridos na escola contribui para que a aprendizagem seja mais significativa e que realmente coincida com os anseios dos alunos e provoque o entusiasmo. Nas salas de aula falta ânimo para aprender e ensinar, de um modo geral, as pessoas veem a educação como uma obrigação, não como uma ação emancipadora que traz mudanças a longo e curto prazo. Conforme estudamos e aprendemos notamos que já



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

não somos os mesmos, há algo em nós que nos impulsiona a ir em busca de mais, ser mais do que somos no hoje.

Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais. (FREIRE, 2014, p.46)

Reconhecemos que ser professor é uma tarefa árdua, com muitos empecilhos e sem ou quase nenhuma motivação, no entanto também percebemos que ser professor possibilita novas formas de se pensar a realidade, e mais gratificante ainda é poder compartilhar essas formas com outras pessoas, contribuindo para que elas também passem a refletir sobre sua realidade. Eis a dádiva de ser professor: espalhar conhecimento, promover a reflexão não apenas exteriormente, mas interiormente, plantar uma semente e colher os frutos mais à frente, ter em mente que a profissão escolhida envolve sonhos de terceiros, pessoas que querem o melhor, que querem sair da condição que se encontram e aderirem a outros rumos, como coloca Mattos:

Então ser educador ou educadora, é sublime, é “construir cabeças” que podem evoluir para o bem ou para o mal, porém esse dueto bem-mal faz parte do ser humano. Ser educador ou educadora é “construir cabeças” que percebam que podem transformar as suas vidas e a de outras pessoas... (MATTOS, 2003, p.2)

O ser humano possui a necessidade de conhecer, descobrir e vivenciar experiências. O anseio em desvendar algumas situações permeia a vida de todos. A escola é o ambiente no qual essa curiosidade deve começar a enraizar-se, as amizades fluem e a socialização com outras culturas se consolidam. É evidente que na maioria dos casos, a curiosidade que precisa ser cultivada não é estimulada por parte dos educadores.

O que notamos em boa parte das experiências em sala de aula são alunos que não encontram um propósito válido, que proporcione prazer em estar na escola, que interfira positivamente no processo de escolarização, para de fato se empenharem e dar continuidade aos estudos. Se surgir algo mais agradável para fazer não se pensa duas vezes em faltar a escola, afinal qual o estímulo que a escola oferece para manter os educandos interessados? Então surge a discussão em torno do interesse, será possível despertar o interesse no outro? Como isso é possível no ambiente escolar? Como tornar a aula a mais interessante possível para os educandos?



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Geralmente no âmbito escolar, os educandos são pressionados a terem as maiores notas, pois a nota ainda é pensada como um fator que aponta os melhores ou piores alunos. Acontece que a avaliação não deve ser vista como algo momentâneo, em que o educador diz os assuntos que devem ser estudados e caso o aluno não os estude estará propenso a ser considerado um fracasso. Mas afinal, qual a importância da nota? O que uma nota diz sobre o educando? É perceptível a valorização da nota, os números possuem todo esse poder por definir quem será aprovado ou reprovado, pois há uma pontuação a ser alcançada ao final do ano letivo.

Muitas vezes o próprio educador contribui para a avaliação ser temida e encarada como um “definidor de inteligências”, há o pensamento, em muitos casos, de que se o aluno não obtiver determinada nota é porque o mesmo não se esforça, é relaxado e não aprende. Será que uma avaliação é capaz de definir se aprendemos ou não? Basta repensarmos os nossos anos de escolarização e percebermos que depois de todas as avaliações realizadas o conhecimento que ficou foi mínimo, podemos então concluir que apesar de obtermos boas notas isso não significou que o conhecimento adquirido foi válido. E aqueles alunos que não conseguiam alcançar a pontuação mínima foram taxados de desinteressados, quando na realidade eles foram incompreendidos por um sistema de avaliação que atribui a nota o poder de decidir os capacitados para prosseguirem os estudos em uma outra série no ano seguinte.

A avaliação deve ser compreendida como um processo contínuo, em que o educador deve notar as dificuldades de cada educando e procurar observar os seus avanços nas dificuldades apresentadas. A escola é o local de contribuição para o desenvolvimento humano, a ideia de competitividade necessita ser desconstruída e em seu lugar precisamos cultivar a ideia de que todos somos seres inteligentes, e cada pessoa possui habilidades que podem ser aperfeiçoadas, por esse motivo estamos aptos a aprender mutuamente.

Devem ser incorporadas novas formas de avaliação, buscando encarar o aprendizado como uma construção que se dá no decorrer do tempo e através de muito esforço. Trabalhos em grupo, seminários, participação nas aulas e atividades realizadas em sala devem ser consideradas como avaliações, a nota atribuída não significa nada em relação a dedicação dos educandos para que as atividades fossem concluídas, é essencial promover o trabalho em equipe, motivando os educandos a dialogarem entre si e trocarem saberes.

Trazer a inovação para a sala de aula requer do professor um profundo envolvimento com a educação, com a escola a qual faz parte e com os seus alunos. Inovar significa fazer diferente, não mais se acomodar com que já era feito, porém utilizar outras formas para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

adquirir resultados promissores. Quem está no âmbito educacional precisa ter gosto pelo trabalho, pois o que mais há na área da educação é trabalho a ser feito, no entanto nos deparamos com pessoas que estão na educação apenas pelo emprego, e não motivadas em cumprir com a função a qual optaram.

Educação: caminhos que inspiram

Como falar em educação e não pensar nas contribuições que nos fazem despertar para outras percepções? Por isso a práxis nos leva a conquistar novos saberes, criar e recriar, imaginar, realizar e tornar real o que nos completa ou dá sentido para trilhar outros caminhos. Assim, conduzimos ou somos conduzidos a agir impulsionados por nossas emoções, que por consequência provocará de forma espontânea as decisões que irão nos guiar em nossa essência.

O que nos leva a ser quem somos? Como adquirimos os ideais e concepções que possuímos? Ao longo da nossa vida somos submetidos a experiências que nos são incorporadas em nosso ambiente de convivência. Conviver significa ter contato com o mundo a nossa volta, conhecer pessoas e conseqüentemente seus gostos e desgostos. Nas relações que estabelecemos, procuramos similaridades no pensar e agir do outro, e por vezes quando passamos a admirar alguém tentamos incorporar seus hábitos, enxergamos no outro algo que admiramos e mesmo que inconscientemente passamos a tentar agir de tal forma.

Os (as) professores (as) assumem um papel de extrema importância no âmbito escolar, são esses profissionais que podem construir sonhos juntos aos seus alunos (as) ou destruí-los. Desta forma se faz necessário que o educador atente à sua prática educacional, buscando inserir neste contexto uma educação que contribua para o aprimoramento de uma pedagogia que incentive os educandos a pensarem sobre as próprias vivências. Neste sentido, Libâneo, afirma:

Quando o professor se posiciona, consciente e explicitamente, do lado dos interesses da população majoritária da sociedade, ele insere sua atividade profissional – ou seja, sua competência técnica – na luta ativa por interesses: a luta por melhores condições de vida e de trabalho e a ação conjunta pela transformação das condições gerais (econômicas, políticas, culturais) da sociedade. (LIBÂNEO, 2008, p. 48)

Qual a visão dos educandos e educadores acerca do processo ensino/aprendizagem?

Como as pessoas percebem a educação a qual vivenciam cotidianamente no âmbito escolar? Será que estão satisfeitas com o processo ensino/aprendizagem a qual são submetidas? E os professores, como se veem no papel de educador? Esses questionamentos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

nos fazem refletir sobre a forma do outro enxergar a educação, às vezes ficamos satisfeitos com as nossas ações diante de determinadas situações, mas, e os outros envolvidos como se sentem na escola, uma vez que é neste local que passam uma parte do seu tempo?

Realizamos uma pesquisa de campo em uma escola pública do município de Santa Rita – PB. Através de questionários destinados aos professores e alunos, procuramos compreender como os educandos e educadores se sentiam com relação à educação vivenciada, quais sonhos eles possuíam e quais as melhorias que poderiam ser feitas para o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem. Compreendemos assim a percepção deles acerca do processo ensino/aprendizagem e como veem-se diante do processo de escolarização do qual fazem parte. A pesquisa foi de cunho qualitativo, pudemos então perceber a opinião dos mesmos sobre a educação a qual estão submetidos.

A pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Honorina Santiago e contou com a participação da gestão escolar, dos professores e alunos. O questionário destinado à gestão escolar continha treze (13) questões referentes aos dados da escola, queríamos saber qual o público que a escola possui, a quantidade de professores e alunos, os índices de evasão e se a escola possui Planejamento Pedagógico e Projeto Político Pedagógico.

Já o questionário dos professores foi elaborado com três (3) questões que remetiam às suas práticas pedagógicas, a visão que possuem a respeito da educação nos dias atuais e como se identificavam enquanto professores atuantes no ensino público. O questionário destinado aos alunos também foi constituído por três questionamentos, pretendemos perceber como o aluno se sente na escola que frequenta, quais os objetivos que pensam para o futuro e qual o seu pensar em relação às aulas.

Os questionários aplicados aos gestores da escola tiveram o intuito de conhecer a quantidade de funcionários que fazem parte desta escola, a qualificação dos Professores, a existência ou não na escola do Planejamento Pedagógico e Projeto Político Pedagógico, compreender questões relativas a evasão escolar e a relação comunidade escola.

Outro questionário foi destinado para 2 (dois) Professores que lecionam as disciplinas de Letras – Português e Química, ambos responderam o questionário contendo 3 (três) perguntas abertas. A escolha desses professores foi motivada por estarem disponíveis no momento da pesquisa, houveram recusas por parte de outros professores, no entanto os (as) professores (as) que se disponibilizaram a responder ao questionário aceitaram rapidamente participarem da pesquisa, contribuindo assim para a realização da mesma.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Uma turma do 3^o ano do ensino médio respondeu um questionário com 3 (três) questões abertas sobre suas expectativas com relação ao seu processo de escolarização. As respostas nos proporcionaram uma reflexão acerca da escola pública, como os jovens sentem-se distantes do próprio processo de escolarização e com isso tornam-se frustrados diante da realidade a qual estão inseridos, acarretando o fracasso escolar, esse resultado reflete também o fracasso presente na sociedade. A escolha dessa série se deu por indicação da gestão escolar.

Nas respostas dos Professores podemos notar as perspectivas que possuem com relação a profissão que exercem. O Professor D coloca a educação como um meio para a transformação social. Em seus dizeres ele deixa explícito a importância da educação na vida das pessoas. Ele pensa a educação como uma via que pode resgatar as pessoas do desprestígio social.

A Professora A analisa as relações das políticas públicas, do corpo discente e docente que contribuem para a precarização do ensino/aprendizagem, tornando a desmotivação um entrave para as melhorias no âmbito educacional. Vale ressaltar que essa realidade se torna uma discrepância da LDB 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), pois a prática de uma educação para todos e de qualidade que é apontada na LDB não condiz com as práticas pedagógicas vivenciadas na sala de aula do ensino público, sendo totalmente dissociada dos interesses da comunidade, da escola e dos educandos.

Nos dizeres dos professores notamos que ambos gostam da profissão que exercem e reconhecem a importância da profissão de professor.

Os educandos demonstraram em suas respostas o que eles pensam a respeito do processo de escolarização. O aluno F relata que a escola frequentada não é muito boa, não se sente feliz e as aulas são muito chatas. O aluno F diz acreditar em um futuro produtivo através dos estudos e do seu empenho. Notamos nas afirmações de F que a educação de fato não contorna as necessidades dos educandos, eles sentem-se distantes do conhecimento concebido em sala de aula, fazem parte de uma educação tradicionalista em que os educandos são apenas espectadores no processo ensino/aprendizagem. Percebemos que esse educando não está motivado a frequentar as aulas, apesar de reconhecer a importância da educação para a sua vida e o quanto é imprescindível para o futuro.

Já o aluno G afirma que gosta da escola e que está aprendendo, sobre as aulas serem prazerosas é afirmado que às vezes, pois as aulas deveriam ter assuntos mais diversificados, sobre o futuro pretende cursar uma faculdade ou universidade, idealizando um futuro melhor



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para si e sua família. O aluno H diz que a escola é boa para se estudar, no entanto as aulas devem ser mais interessantes, no futuro deseja ser um Policial Militar.

O aluno U afirma não estar feliz na escola a qual frequenta pois ainda há muita coisa a se melhorar, não pensa nas aulas como produtivas porque os professores não pensam nos educandos. Esse aluno deixa evidente a despreocupação dos educadores em enxergar as dificuldades dos mesmos, ou seja, há uma abstenção da existência e da capacidade de acreditar na colaboração que os alunos podem proporcionar.

O aluno Z relata não estar nenhum pouco satisfeito com as aulas as quais presencia, a falta de diálogo entre professores e alunos é visível e contribui para que as aulas sejam entediadas. Sobre o futuro, esse aluno pensa em realizar-se como um bom profissional e aprimorar os conhecimentos para ingressar na área que pretende. Em sua fala o aluno ressalta a importância do bom profissional, será que os professores estão sendo exemplo de bons profissionais? Percebemos então a consciência que os alunos possuem sobre a escola a qual frequentam e não se sentem realizados no meio educacional.

CONCLUSÃO

A escola é pensada com qual intuito? Qual o papel dos educandos no âmbito escolar? O que a escola oferece de atrativo aos alunos? O que o professor considera ao escolher determinada metodologia? Será que leva em conta a realidade dos educandos? Ao pensarmos na educação de hoje, percebemos que ainda há vestígios de uma educação tradicional, em que o saber do educando não é considerado e apesar da sociedade sofrer mudanças no decorrer dos anos a prática não condiz com as transformações ocorridas.

A integração do (a) aluno (a) na sala de aula é o momento crucial para desenvolver a curto e a longo prazo as habilidades e assim dinamizar a experiência da escolarização. Como isso pode tornar-se possível? A partir do momento em que as pessoas frequentam a escola, é esperado que as mesmas desenvolvam suas capacidades intelectuais, no entanto nos deparamos com o inverso disso, a escola ainda é pensada como um depósito de pessoas que precisam de uma ocupação, ou seja, necessitam estar naquele local apenas por obrigação, pois caso não a frequente esse indivíduo será excluído socialmente. E se esse indivíduo frequentar a escola e de qualquer forma for excluído socialmente?

É uma situação preocupante e desgastante, muitos profissionais da área afirmam não acreditarem na educação, que já não há possibilidade de mudança. Já outros veem que ainda é possível contribuir para melhorias na educação, mas estão cansados e não agem em prol de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tais modificações. Apesar da educação ainda possuir tantos problemas, ela é a solução para amenizar as dificuldades da realidade.

A prática educacional deve ser repensada e ressignificada, diante da dinamização da sala de aula o professor se autoavalia conforme sua prática e a interação com os educandos, proporcionando, na efemeridade do convívio escolar, a troca de saberes e experiências. Os educandos podem colaborar com esse processo, e isso irá incorporar novas e melhores práticas educacionais. As vozes que gritam por uma educação melhor, que estão na escola, mas não se veem como parte dela necessitam ser compreendidas e respeitadas para a participação ativa no processo de escolarização.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e democratização do ensino. In: LIBÂNEO, José Carlos.

Didática. 28. Reimp. São Paulo: Cortez, 2008, p. 33 – 49.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Processos didáticos cotidianos e modelos político-ideológicos de base: uma discussão. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro. PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Didática: embates contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

JESUS, Anderson Nildo dos Santos. ANDRADE, Andressa Freitas de. **Desafios atuais da educação: reflexões sobre a constante busca da (re)construção da práxis pedagógica no processo de inclusão social de nossos alunos**. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DESAFIOS%20ATUAIS%20DA%20EDUCACAO%20PRAXIS%20PEDAGOGICA%20NO%20PROCESSO%20DE%20INCLUSAO%20SOCIAL%20DE%20NOS%20ALUNOS.pdf>> acesso em: 15 junho 2016

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. MATTOS, José Roberto Linhares de. **Em busca de um novo educador para uma nova educação**. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/educador.pdf>> acesso em: 17 junho 2016